



O tema — «Resistências à Mudança Social no Brasil» — está colocado de maneira demasiado neutra. Pressupõe o modelo de uma situação estática que resiste a se pôr em movimento. Este modelo não me parece exato. A sociedade brasileira está claramente em mudança. A expressão «Resistência à Mudança» só ganhará sentido se postularmos uma certa direção de mudança considerada desejável. A direção que a mim parece desejável é o desenvolvimento econômico. Um desenvolvimento que signifique uma desigualdade crescente não é, a meu ver, desejável.

Todo o artigo seguirá esta orientação: vamos analisar as resistências a mudanças sociais no sentido do desenvolvimento social e econômico. A análise será necessariamente fragmentária. Para não sê-lo, teríamos de ter uma concepção do desenvolvimento social e econômico do Brasil que deveria ser um esquema explicativo, tanto econômico como sociológico, e que não fôsse uma simples justaposição de um ponto de vista ao outro. Deveria ser um modelo sintético sócio-econômico. Este modelo, esta forma de compreensão do processo de desenvolvimento, não existe. Os estudos ainda não a alcançaram. Ainda não há uma compreensão sócio-econômica do desenvolvimento, satisfatória sob o meu ponto de vista. Daí as minhas palavras terem necessariamente o caráter de sugestões, de idéias que não estão completamente integradas numa concepção unificada. Outra limitação da exposição é não tratar dos obstáculos ao desenvolvimento social e econômico, que resultam das relações entre as sociedades desenvolvidas e as sociedades subdesenvolvidas. Há certos obstáculos que resultam das relações do Brasil com países capitalistas desenvolvidos do mundo de hoje.

DUALIDADE DE ESTRUTURA

O ponto básico que precisa ser analisado é a dualidade da estrutura social brasileira. Esta dualidade já foi tratada por vários autores. No artigo de Celso Furtado sobre «Reflexões sobre a Pré-Revolução Brasileira» (1), êle mencionou a dualidade político-social do Brasil. Jacques Lambert, sociólogo e demógrafo francês, que esteve muitos anos aqui no Brasil, escreveu vários artigos e livros em que acentua essa

dualidade. (2)

Tomemos, como primeira aproximação, a formulação feita por Jacques Lambert nos seus trabalhos. Lambert refere-se ao Brasil como constituído de duas sociedades: uma sociedade arcaica, tradicional, e uma sociedade nova, um Brasil nôvo, evoluído. Afirma que o problema brasileiro é menos um problema de subdesenvolvimento que um problema de desenvolvimento parcial. Esta dualidade da estrutura social brasileira salta aos olhos. Lambert aponta os fatores por ela responsáveis. Por exemplo: a rapidez do progresso técnico. Nas sociedades que se industrializaram primeiro, o desenvolvimento foi muito mais lento e foi um desenvolvimento endógeno, que resultava de características da própria sociedade. Era êste progresso técnico mais adequado às características sociais daquelas sociedades. No caso do Brasil, como de outras sociedades subdesenvolvidas, êsse é muito mais rápido. Êle é importado e não endógeno. E é importado na sua mais adiantada forma; não recapitula os passos que foram dados no desenvolvimento dos países que se industrializaram primeiro. No caso brasileiro, especificamente, atua ainda para formação desta dualidade de estrutura, tão evidente, a formação do seu povoamento, o isolamento das várias populações brasileiras. Um quarto fator apontado por Lambert, é a rigidez da estrutura social tradicional. Lambert, no entanto, não analisa mais profundamente porque esta estrutura é rígida.

De qualquer forma, ficamos inicialmente com êste quadro pintado por Lambert: um Brasil nôvo — constituído principalmente de grandes capitais, portanto, descontínuo, formado de «ilhas», no território brasileiro, incluindo, além dessas grandes cidades, zonas rurais modernizadas, principalmente, no Sul do país — Brasil nôvo êste, incrustado numa estrutura social arcaica, constituído primariamente pela área restante, incluindo entretanto, também, as pequenas cidades tradicionais do país.

Estas duas estruturas, a do Brasil nôvo e a do Brasil arcaico, distinguem-se nitidamente em quase todos os seus aspectos, sejam demográficos, econômicos, sociais ou políticos. Estatísticas de população, quando apresentadas lado a lado para o Brasil nôvo e para o Brasil arcaico, apresentam desnível extremamente pronunciado em tôdas as suas características: natalidade, mortalidade, composição etária, etc. Os fatos apresentados num livro recente, lido largamente, o de Franklin de Oliveira (3), são em grande parte reflexo desse tremendo e brutal desnível entre os dois brasis. A estrutura social relativamente simples do Brasil tradicional, onde dois grupos se opõem, de um lado uma pequena aristocracia, de outro, na base da pirâmide, uma grande massa, contrasta, claramente, com a estratificação social muito mais completa do Brasil nôvo. As instituições políticas, as bases do poder, também variam entre os dois brasis.

A êste quadro da dualidade na estrutura político-social brasileira, acrescentemos a análise feita pelo economista e sociólogo sueco, Gunnar Myrdal, num livro recentemente traduzido para o português: «Teorias Econômicas e Regiões Sub-

desenvolvidas» (4). Êle analisa nesta obra o mecanismo pelo qual se estabelecem e se perpetuam desigualdades econômicas e sociais, tanto entre nações como, no âmbito nacional, entre regiões de um mesmo país. A sua análise, na parte referente às diferenças regionais de um país, revela um processo de desequilíbrio crescente. Myrdal coloca-se aqui contra a concepção predominante na economia da tendência para um equilíbrio estável. Para êle o que existe é um equilíbrio instável, uma situação que se afasta cada vez mais do ponto de partida. Iniciado o processo de desenvolvimento, o jogo das forças de mercado é tal, as economias externas e internas, no vocabulário dos economistas, atuam de tal maneira, que o desenvolvimento da área que iniciou o processo se faz às custas do subdesenvolvimento do resto do país, havendo mesmo uma regressão relativa das outras regiões. Para Myrdal o desenvolvimento de um

ponto ou de alguns pontos de um país resulta sempre em efeitos regressivos nas outras regiões. Não se trata, portanto, de uma situação estática, em que uma parte do país começa a se desenvolver enquanto as demais resistem ao desenvolvimento. Na realidade, nós temos uma dinâmica de todo o sistema, uma dinâmica em que uma parte se desenvolve, enquanto a outra é empurrada para trás, em que, portanto, as desigualdades que se estabelecem no país são crescentes.

Mencionemos alguns desses efeitos regressivos. Sob o ponto de vista demográfico, há uma migração seletiva, um movimento de mão-de-obra do Brasil arcaico, das regiões que não começaram o processo de desenvolvimento, para as regiões novas, em desenvolvimento. É seletiva: é a melhor parte da força de trabalho que emigra. A taxa de crescimento natural do Brasil arcaico comparada com a do Brasil novo é mais alta. Na parte que se desenvolve, as taxas de natalidade começam a cair, (embora depois das taxas de mortalidade terem começado a sua queda devido ao progresso da medicina, etc.). No Brasil arcaico, porém, há um atraso muito maior das taxas de natalidade, pois a estrutura tradicional resiste à difusão do controle de natalidade. Essas taxas se atrasam em relação às de mortalidade, pois não há resistências estruturais ao abaixamento desses últimos; as medidas sanitárias, medidas elementares de medicina, tais como vacinação, etc., se difundem facilmente, fazendo sentir o seu efeito em todo o Brasil arcaico, que ainda não está mergulhado no processo de desenvolvimento.

Qual é o resultado disso? De uma taxa de mortalidade em decréscimo e uma taxa de natalidade que se mantém alta? O resultado é uma explosão demográfica que deprime ainda mais a situação econômica e social destas regiões que ficaram à margem do processo de desenvolvimento. Há, por outro, uma emigração de capitais das regiões subdesenvolvidas para as zonas desenvolvidas, atraídos pela possibilidade de lucros mais altos nessas últimas zonas, ocorrendo esse paradoxo do financiamento, em parte, do desenvolvimento do Brasil novo, pelas partes subdesenvolvidas. Por outro lado, os recursos das regiões subdesenvolvidas não são suficientes para estabelecer um bom sistema de estradas, um sistema educacional adequado, serviços públicos suficientes; e assistimos então ao que Myrdal denomina de causalidade circular e acumulativa. O subdesenvolvimento leva a não ter meios para estabelecer aquelas condições que atrairiam o desenvolvimento: o subdesenvolvimento como causa do próprio subdesenvolvimento. A parte que se desenvolve se desenvolve cada vez mais; a parte que não se desenvolve é empurrada para trás ou estaciona. As seqüências causais são circulares e acumulativas: os ricos ficam mais ricos, os pobres ficam mais pobres. Não há dúvida, como aponta Myrdal, que decorrem do foco de desenvolvimento alguns efeitos propulsores, efeitos que se propagam a partir do centro de expansão. O desenvolvimento numa certa área do país, cria mercados para matérias-primas e para produtos agrícolas de outras áreas. Isto representa efeito propulsor das zonas menos desenvolvidas ao redor do centro de desenvolvimento. Entretanto, como analisa muito bem Myrdal — e não posso repetir aqui completamente a análise por ele feita — encontramos de novo uma situação paradoxal, quanto aos efeitos que levam a uma regressão das zonas subdesenvolvidas do país e os propulsores que tenderiam a contrabalançar essa regressão. Nos países que estão num desenvolvimento mais lento, os efeitos regressivos são muito mais fortes do que os propulsores; e nos países com uma taxa de crescimento mais forte, aí então é que os propulsores contrabalançam em alguma medida os efeitos regressivos. Quanto mais lento o desenvolvimento, portanto, maior é o desequilíbrio entre esses dois tipos de efeitos. Constitui isso um fator a mais para continuação do subdesenvolvimento, pois essas desigualdades são claramente obstáculos ao desenvolvimento. A análise de

Myrdal mostra ainda como nos países subdesenvolvidos ou naqueles em que o desenvolvimento é lento, a atividade estatal, que deveria ser o principal fator tendente a igualar as diferentes regiões, através de políticas igualitárias, é muito mais fraca. Embora nos países desenvolvidos o jôgo de forças do mercado leve também a uma certa desigualdade entre as suas regiões — nos Estados Unidos, por exemplo, o leste, o meio-oeste e o oeste são as zonas relativamente mais avançadas do país, sofrendo o sul os efeitos regressivos desse desenvolvimento — existem nesses países políticas igualitárias estatais que amenizam em certa medida essa desigualdade. Nos países subdesenvolvidos, pelo contrário, essas políticas igualitárias são muito mais fracas. E são mais fracas porque a base de poder para tais políticas não existe. Exemplificando, apenas no campo da educação, no Brasil existem enormes desigualdades educacionais. Não só são escassas as oportunidades educacionais para o Brasil como um todo, como são muito pronunciadas as desigualdades. Uma educação como a primária, que deveria ser para todos, não encontra a base de poder que a torne realmente universal, entre outras razões, porque justamente nesses países, as desigualdades quanto ao poder também são tremendas. Simplificando a situação, podemos dizer que ocorre aqui também uma causalidade circular entre a ausência de voto do analfabeto e a ausência de oportunidade educacional primária para a grande massa da população.

BRASIL ARCAICO

Esta análise de Myrdal nos parece essencialmente correta. Ela se superpõe perfeitamente à descrição feita por autores tais como Lambert, da dualidade da estrutura social brasileira. O raciocínio de Myrdal parece-me que peca pela falta de ênfase sobre os efeitos regressivos causados nas demais regiões do país, pelo desenvolvimento de uma de suas partes, do Sul no caso do Brasil, efeitos que se vão fazer sentir de maneira muito mais forte devido à dualidade estrutural da sociedade brasileira. A argumentação de Myrdal pressupõe uma continuidade, não um desnível entre as diferentes regiões do país, regiões que estariam em níveis diversos de desenvolvimento, mas entre as quais não há diferença de tipo de organização social. A situação brasileira não é de continuidade entre a parte desenvolvida e a subdesenvolvida; é de um degrau, um desnível enorme entre as duas partes do país. E esse desnível tem de ser caracterizado de uma forma sociológica. A análise de Myrdal, embora trate num esquema único fatores puramente econômicos e fatores extra-econômicos, tais como educação, saúde, políticas estatais, etc., é entretanto uma análise essencialmente econômica. A natureza tradicional da estrutura das regiões brasileiras que sofrem o impacto do desenvolvimento de outras partes do país, é a meu ver essencial para compreender o problema brasileiro. Essa estrutura social, do ponto de vista sociológico, deve ser caracterizada como uma estrutura patrimonialista. Que é essa estrutura patrimonialista? Essencialmente é uma estrutura de poder, uma estrutura de autoridade, de autoridade não racional, tradicional. A autoridade dos senhores de terra, dos membros da classe alta agrária, é uma autoridade pessoal, tradicional; o povo se relaciona de maneira extremamente pessoal com essa classe alta. Num caso como no outro, na estrutura patrimonialista como na capitalista, nós temos o poder sendo exercido através de um quadro administrativo, de máquinas burocráticas, no caso do capitalismo. No patrimonialismo nós também temos um quadro administrativo: são pessoas que vão fazer cumprir as ordens, os desejos dos membros da classe alta. Entretanto essas pessoas se relacionam ao padrão de forma característica: são seguidores, são homens do senhor, a ele ligados de maneira pessoal e por padrões sancionados pela tradição. É uma sociedade, em última análise, organizada

segundo uma ordem tradicional. Realmente, ao analisarmos a relação entre o morador, o colono e o proprietário da terra percebemos que ela não pode ser compreendida como puramente econômica; é uma relação em que o econômico está fundido com o social, em que a autoridade do senhor é uma autoridade pessoal e total. Distingue-se completamente da relação de emprêgo, nitidamente delimitada e impessoal, onde o comprimento ocorre dentro dos limites claramente definidos pelo contrato.

Qual é o quadro geral que podemos traçar do Brasil, hoje que o desenvolvimento já se iniciou e a estrutura patrimonialista está claramente abalada? Temos zonas no Brasil, talvez poucas, em que a estrutura patrimonialista está quase intacta. Simplesmente para o quadro geral que eu me proponho pintar, esta zona de estrutura patrimonialista quase intacta consistiria principalmente de boa parte da zona rural, onde predomina a agricultura de autoconsumo, e das pequenas e isoladas cidades do interior. Há no entanto uma área crescente do Brasil em que já penetrou o capitalismo, mas na qual as relações, as atitudes, as motivações dos indivíduos, são ainda relações e atitudes patrimonialistas. Embora como estrutura o patrimonialismo já se tenha desintegrado, as suas heranças persistem. Há uma terceira área do Brasil onde os padrões patrimonialistas praticamente desapareceram. Estão neste caso as grandes cidades e as áreas rurais novas de população desarraigada, população que não está mais interligada por meio de relações tradicionais, cujos indivíduos não são mais motivados por situações tradicionais. Populismo, no campo político, seitas religiosas, espiritismo, umbanda, são nestas últimas áreas, muitas vezes, substitutos das relações tradicionais.

A importância de apontar-se a natureza patrimonialista do Brasil arcaico, parece-me ser, que assim compreendemos as resistências tão fortes que essa estrutura social opõe aos efeitos propulsores dos focos de desenvolvimento — ao entrosamento de sua economia agrícola no mercado, à sua modernização, à modificação de sua estrutura agrária, etc. — e a sua extrema vulnerabilidade aos efeitos regressivos, daqueles focos. A perda de mão-de-obra e da capitais, a explosão demográfica, etc., atingem essa estrutura social com facilidade e diretamente. Acentua-se assim a dinâmica dos mecanismos causais e acumulativos, tratados por Gunnar Myrdal, no sentido de uma desigualdade crescente que se transforma em obstáculo dos mais graves à continuação mesma do processo de desenvolvimento social e econômico. Como aquele quadro fluido, dinâmico da sociedade brasileira se relaciona com a organização política nacional? Partimos de um estágio, estágio este que se identificaria, **grosso modo**, com a Primeira República, em que a nação não existe, a não ser como um equilíbrio de grupos locais de poder, grupos locais que aos poucos se organizam em oligarquias estaduais. Assistimos então aos Estados empreendendo livremente empréstimos no estrangeiro, cobrando impostos de exportação, com barreiras fiscais e interestaduais e mantendo suas próprias forças armadas. É a época dos PR estaduais, organizações políticas mais definidas, de maior amplitude territorial, mas de caráter nitidamente oligárquico. Essas oligarquias estaduais eram no fundo entendimentos de chefes políticos locais. Os chefes políticos tinham na sua base estruturas patrimonialistas locais e agora, nesta altura, começo do século XX, contam com a força policial do Governo, e com a magistratura para exercer o seu poder, de uma forma patrimonialista tradicional (5). Não me proponho aqui a traçar a desintegração dessa estrutura política que corresponde à situação em que todo o país, num modelo ideal, estaria representado por uma estrutura patrimonialista única, todo ele ainda não tocado, pelo desenvolvimento sócio-econômico. A situação atual é claramente muito mais complicada do que isto. Nós assistimos durante duas a três décadas o fortalecimento do Governo Federal, provocado pelo desenvolvimento de certas regiões do país. O Estado Brasileiro atual, caracterizado por Celso

Furtado como um Estado composto, reflete interesses das estruturas oligárquicas que ainda subsistem, daquelas partes do país, com uma estrutura patrimonialista quase intacta, mas reflete também esse Estado, interesses novos, interesses da burguesia industrial com ou sem vinculações estrangeiras, interesses de uma classe média urbana, interesses do operariado que se faz sentir com mais ou menos força nas diferentes regiões do país. A análise da dinâmica da organização política nacional não foi ainda feita e por isso precisamos nos lançar a fazer sugestões extremamente precárias, de como poderíamos vencer as resistências às mudanças no sentido do desenvolvimento social e econômico do país.

PONTOS ESTRATÉGICOS

Quando nos propomos a indagar que aspectos da sociedade brasileira são mais suscetíveis de serem alterados nas direções consideradas desejáveis, estamos perguntando ao mesmo tempo, para sermos realistas, quais são as forças sociais que sustentam esses diferentes pontos da estrutura, e quais os grupos que a ela já se opõem interessados em transformá-la, num ponto ou noutro. Não adianta programarmos uma mudança considerada desejável se não há condições para efetuar-la. Devemos analisar a situação tendo em vista identificar os pontos suscetíveis de mudança, as áreas estratégicas da situação que sofrendo a atuação de certas medidas levem-nos na direção desejada. Obviamente, tendo em vista a análise feita atrás, a identificação dessas áreas, tem caráter claramente provisório e esquemático, pois a ausência de estudos nos leva a avaliar muito grosseiramente a situação. Considerando a análise anterior, temos de olhar para as diferentes zonas do país, tendo em vista quão forte é ainda a estrutura tradicional, qual é o sentido da mudança que já se efetuou, para podermos então fazer sugestões sobre as possibilidades de mudanças. Vejamos primeiro as zonas rurais. Temos no Brasil zonas rurais claramente tradicionais, zonas rurais que imersas inteiramente ou quase inteiramente na sociedade arcaica, devido ao mecanismo analisado por Myrdal, estão em regressão econômica. Nestas zonas, e afirmo isto da maneira menos dogmática possível, parece-me que as possibilidades são de mudança muito mais radical do que nas zonas rurais já penetradas pelo capitalismo. Não todo o Nordeste, mas partes consideráveis do Nordeste e de outras regiões rurais do Brasil, têm uma estrutura tradicional ainda tão forte que a possibilidade de mudança é para uma mutação súbita, é para uma reforma agrária mais radical do que em qualquer outra parte do país. A base de solidariedade entre os trabalhadores rurais neste caso, é uma solidariedade ainda comunal. Quando essa gente vê romperem-se ou enfraquecerem-se os laços tradicionais que a ligam aos senhores de terra, a sua solidariedade comunal pode servir para transformações radicais. Por outro lado, essas áreas do Brasil rural arcaico apresentam resistências muito menores a tal mutação. Os interesses do capitalismo, que são os principais a se oporem à mudança, são muito mais fracos porque tratam-se de áreas em que o capitalismo não penetrou completamente, ou penetrou muito pouco. Nessas áreas são mais prováveis transformações relativamente violentas e radicais. Nas zonas rurais já penetradas pelo capitalismo, falar-se da desapropriação da terra e do mesmo tipo de reforma agrária de que se pode cogitar nas zonas arcaicas, é bem mais utópico. As possibilidades de mudança no sentido de desenvolvimento social e econômico nessas últimas zonas caem mais no tipo de sindicalismo do tipo urbano. Sindicalização dos trabalhadores rurais dentro do sistema capitalista agrícola é a abertura que aí, a meu ver, existe. Pensar neste caso em divisão da terra ou em propriedade coletiva da terra é, salvo revolução violenta, utópico; pensar em luta sindical pela melhoria das condições de trabalho, pensar na aplicação da legislação do trabalho nestas áreas rurais penetradas pelo capitalismo é muito mais realista.

As zonas urbano-industriais do Brasil devem, de novo, ser divididas em dois grupos. Há áreas que, embora já tenham um certo grau de industrialização, ainda se acham fortemente impregnadas pelo patrimonialismo — pelas relações tradicionais de trabalho. Certas cidades do interior do Brasil têm indústrias que funcionam não na base do capitalismo racional, mas em base extremamente tradicional. Nessas cidades industriais do interior encontramos as relações entre industriais e seus trabalhadores como relações quase totais, em que a lealdade tradicional do trabalhador para com o industrial ainda subsiste, em que a atitude do industrial em relação ao trabalhador é paternalista. Nessas áreas a possibilidade de desenvolvimento sindical parece muito grande, pelo mesmo tipo de raciocínio que fizemos ao nos referirmos às zonas rurais do Brasil arcaico. É interessante notar que a causalidade circular neste caso atua na transformação das relações de trabalho, com o afastamento cada vez maior da situação de equilíbrio. Partimos de uma situação em que o industrial toma conta de seus empregados, pois são homens dos patrões, pessoas com as quais ele pode contar. Ao se verem essas indústrias de pequenas cidades, envolvidas no mercado nacional, ao começarem a sofrer o impacto da concorrência das indústrias das zonas mais impregnadas pelo capitalismo racional, a dinâmica é tal, que a relação paternalista não pode se manter. Os industriais precisam aumentar a produtividade dessa força de trabalho, que necessariamente é pouco produtiva por ser tradicional, e nesse esforço são vistos pelos trabalhadores como quebrando as obrigações tradicionais de cuidar de seus homens. Organizam-se sindicatos. Recorrer ao sindicato nesta estrutura social significa quebrar ainda mais a relação tradicional, significa ser desleal, e temos uma situação que se afasta cada vez mais da organização patrimonialista. Os empregados recorrem ao sindicato porque acham que as obrigações tradicionais não foram obedecidas. Por sua vez o fato de recorrerem ao sindicato significa quebrar a relação tradicional e, portanto, leva o patrão a desconhecer ainda mais as suas obrigações tradicionais. Temos então o paradoxo de, nestas pequenas cidades do interior, impregnadas de tradicionalismo, ser, muitas vezes, a solidariedade sindical muito mais forte do que a solidariedade dos sindicatos de São Paulo. Por que isto? Porque a solidariedade desses trabalhadores é em grande parte uma solidariedade tradicional, comunal. Aproveita-se, por assim dizer, a solidariedade que existe na sociedade arcaica, para fins novos, para lutas e reivindicações sindicais.

No Brasil novo temos também a mesma possibilidade de desenvolvimento sindical. Assistimos no Brasil ao desenvolvimento de uma legislação trabalhista e de uma estrutura sindical, em boa parte, sob o controle do Governo e mais recentemente, nos últimos dez anos, estamos vendo o início da desintegração do controle governamental sobre essa estrutura sindical. Entretanto, o emprêgo de líderes sindicais em companhias do Governo e em sociedades de economia mista, a manipulação do imposto sindical para controle do sindicato, etc., não são hoje tão eficientes como há dez anos atrás. Há greves em São Paulo que são incontroláveis, embora outras permaneçam sob controle do Governo. Por que algumas delas são incontroláveis? Fundamentalmente parece-me que há dois tipos de fatores que levam a uma perda de controle do Governo sobre os sindicatos. Primeiro, o desenvolvimento da solidariedade entre os trabalhadores. Nas grandes cidades do Brasil novo salta à vista a fraqueza da solidariedade operária. Vindos em grande número do Brasil arcaico, não se identificam com as condições de operário, e orientam-se, psicologicamente, para fora da estrutura industrial (6). Em algumas situações, porém, surge uma solidariedade que não é comunal ou tradicional, é de classe. Os operários que estão neste caso, são ainda em muito pequeno número, mesmo nas grandes ca-

pitais como São Paulo. Os ferroviários já fazem greves que escapam ao controle da máquina estatal. Os gráficos as fazem. Os portuários também. O principal fator aqui é o nível de solidariedade entre esses trabalhadores. Noutros casos, tratam-se de pequenos sindicatos ao redor das grandes cidades, reunindo pessoas de uma única fábrica. São exemplos, Perus e Cajamar, nos arredores de São Paulo. A solidariedade que aí se desenvolveu parece-me de base comunal. Outro fator responsável pelo enfraquecimento do controle do Governo sobre os sindicatos é o fato de muitos grupos reorganizados estarem procurando manipular os sindicatos. Enquanto o Governo sozinho manipulava a situação, era possível manter as rédeas do controle. Em São Paulo, vimos uma tentativa do Governo Estadual, nos últimos anos, de estabelecer controle sobre os sindicatos, usando os mesmos elementos manipuladores utilizados pelo Governo Federal. Partidos políticos, os industriais, etc., têm igualmente procurado estabelecer contatos com elementos sindicais. Ora, na medida em que se multiplicam os grupos que competem pelo controle sindical, surgem condições para liberdade de ação do sindicato. Nesse sentido me parece que uma das principais possibilidades para vencer as resistências à mudança social e econômica é o desenvolvimento extremamente rápido que pode ocorrer aqui por diante no sindicalismo brasileiro. Friso novamente que essas idéias têm apenas o caráter de sugestões. Não me parece possível fazer-se ainda uma análise completa. O que parece fundamental é o ponto de vista de analisar as mudanças estruturais, tendo-se em vista localizar os pontos de atuação estratégica e as brechas que existem na estrutura arcaica e que são susceptíveis de sofrerem uma ação que provoque a aceleração das transformações no sentido considerado desejável. E esse tipo de análise ainda é raramente feito no Brasil. Precisamos analisar a situação brasileira pensando menos em estabelecer grandes planos, válidos para todo o Brasil, e nos preocupando mais em aproveitar todas as possibilidades de mudança.



- (1) in "A Pré-Revolução Brasileira", Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1962, págs. 13-32.
- (2) Ver principalmente, "Os dois Brasis", Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1958.
- (3) "Revolução e Contra-Revolução"...
- (4) Rio de Janeiro, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1950.
- (5) Mário Wagner Vieira da Cunha, "Estudos sobre a administração pública brasileira" (1930-1950), manuscrito.
- (6) Ver J.R.B. Lopes, "O ajustamento do trabalhador à indústria", in B. Hutchinson e outros, "Mobilidade e Trabalho", Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1957, págs. 360-440.



a USE decreta:

Durante as férias
é proibido pensar em dinheiro

Se o seu caso é passar as férias na praia, na serra ou em qualquer estação de águas, a USE lhe abre as portas dos melhores hotéis brasileiros. Deixe o pagamento de suas despesas por conta do CrediUse que depois, com muita calma, acertará as contas com o senhor.

Use a USE que financiará suas férias pelo CrediUse

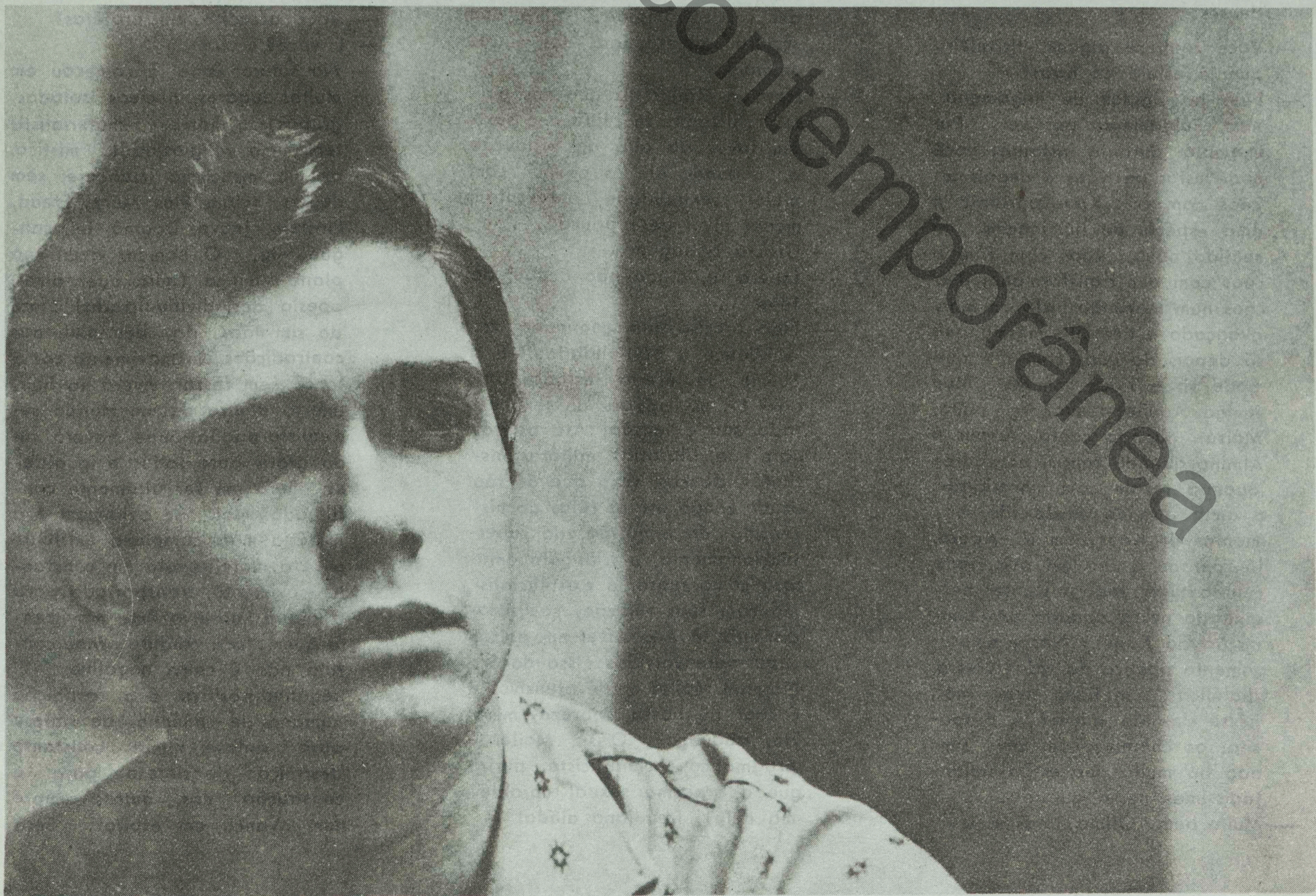
USE S.A. TURISMO

Uma empresa do grupo Turismo Rio
Av. Rio Branco, 9, 2.º andar
Tels.: 23-4615 - 23-5686 - GB

- 1 — Sabe duma coisa? O problema são as formigas. As antigas não querem ir embora. Se você fôsse formiga antiga gostaria de ir embora? Então é assim. Mas o formigueiro fervilha de formigas novas tinindo de novidade, formigas jovens. E o pau vai ser feio. Formigueiro nôvo dá trabalho construir.
- 2 — Mas vale a pena. Desde que a união faça a fôrça.
- 1 — Façamos fôrça para que a união faça a fôrça, pois do jeito que está não vai. As formiguinhas jovens precisam se unir numa frente única.
- 2 — Senão?
- 1 — Ora, vêm as formigas-gorilas, vem a formicida atômica especialmente construída para acabar com formigueiros, vem o cáos com c.
- 2 — E o cáos com c é uma coisa horrível!
- 1 — Se é! E' primitivismo bárbaro, o reino livre dos instintos, é a morte, é a estrêla rodando sòzinha, é luta do homem contra o homem como lei, é mais triste que Nada dos indús. E' o sangue idolatrado como verdade única, é o nazismo, é Hitler, são os campos de concentração onde matavam criancinhas para da pele delas fazer enfeite. E' o fanatismo de todos os sectários

DIÁLOGO COM O KAOS

BALAIÃO



de qualquer grupo ou partido ou religião, são os assassinos do Presidente Kennedy, os sectários partidários do Cáos.

2 — E o cáos a que frequentemente se refere o Dr. Adhemar de Barros é com c?

1 — O cáos com c é o espectro de todos os políticos brasileiros apavorados. Razão êles têm para temer, odiar, desprezar o cáos com c. Mas não sabem êles que o que vem é o Kaos com K.

2 — Quando?

1 — Quando, quando, quando... Chamaram-me de utopista. Mas sou realista muito mais do que pensam. Kaos com K, daqui a muito tempo para todos. Para alguns agora. Sempre houve e existiu para alguns. Kaos com K quando as formiguinhas novas fizerem o nôvo formigueiro. E isso quando existir Paz mundial no duro e de fato, quando penetrarmos na nova hora histórica. Repito: para alguns, Kaos com K já existe e existiu através dos séculos. Todos os criadores e supra-sensíveis viveram no Kaos com K: Fra Angélico, Heráclito, São João, Buda, Fernando Pessoa, etc. Agora, quando o Kaos com K será para todos? Daqui a muito tempo. Mas é preciso que as formiguinhas jovens lutem e não esmoreçam, pois são as formigas que constroem os fomigueiros e não os deuses.

2 — Você conhece algum brasileiro que já esteja no Kaos?

1 — Não há rigidez de julgamento, nem julgamento possível. Por exemplo: durante instantes você pode estar no Kaos e depois no cáos com c. Kaos portanto é uma espécie de iluminação no sentido nôvo. Kaos com K é o cáos com o c transformado, é o cáos num momento histórico mais avançado e acredito mesmo que só depois do cáos com c é que pode vir o Kaos com K. Meu amigo Aguilar quando pinta, Maisa quando canta, Arraes e Almino quando falam, os padres quando rezam com sinceridade, o amor quando existe são momentos de Kaos com K. Agora, já pensou o dia em que todo mundo viver todo instante mergulhado nessa danada de iluminação do Kaos? Nesse empolgação poética de vida? Nessa dialética sem bem, nem mal, nesse sim-não chinês? A propósito: os chineses com seu sim-não há muito que estão adiantadíssimos nessa questão.

2 — Muito bem. Ótimo. Mas, descul-

pe, você não acha que isso tudo é zen com Z?

1 — Talvez. Mas isso não me importa a mínima. Se fôr, é o caminho meu de alcançar o zen, a estrada ocidental-patética única possível para o ocidental chegar ao zen. E se não fôr? Quero notar a você algo que você mesmo a mim disse faz muito tempo: «Está mais perto do zen aquele que está mais longe dêle.» E um dia te disse que eu era marxista-zen-kaos.

2 — Que seja. Mas as formiguinhas jovens estão de acôrdo com tudo isso? Tôdas elas comem e digerem bem as fôlhas de seus livros?

1 — Se estão de acôrdo é secundário. O que importa é que o Kaos brote dentro delas, quer me ataquem ou não, pois o ódio é amor incompreendido. Se digerem bem ou não é a mesma resposta. As cartas que recebo de leitores me dão a certeza de que estamos vibrando nos mesmos acordes. Mas isso também não quer dizer nada. Às vêzes um leitor que me odeia, que não me manda carta, que nem lê meus livros, que não vibra no mesmo acorde, está em pleno Kaos.

2 — As formigas jovens devem ser corrompidas?

1 — Claro. Pois elas são corruptibilíssimas. E esta é sua maior glória, a fabulosa condição de poder ser corrompido. E o que separa as formigas dos outros animais.

2 — Norman Mailer diz que nos países civilizados se reprime o sexo em favor da alta da produção e segundo êle os povos com maior sexualidade apresentam menor nível de produção...

1 — Grossa bobagem!

2 — Espera aí, ainda não acabei de falar...

1 — Não precisa nem continuar, isso é idiotice e bestialidade. E a Suécia, Inglaterra, Estados Unidos? Eis os impérios do sexo em tôda sua extensão! Até bairros para isso, filosofias, editôras, institutos, danças, sexo que de tão usado chega até às ráias do histerismo, da exaustão, do superfuncionamento, o triângulo amoroso como regra, o existencialismo com suas relações complicadíssimas só é possível em países super-desenvolvidos. Isso do Sr. Norman Mailer é até ofensivo, é caçoar da nossa pobreza, miséria, fraqueza. O sr. Mailer é pragmático, cientificista, persegue o orgasmo sexual (problema dêle), freudiano ainda!

2 — Freud, existencialismo, beatnick, Henry Miller, bossa-nova, roman-nouveau, trotskismo, nouvelle-vague, Aliança para o Progresso, Coexistência Pacífica, Brecht, desnuclearização, ácido-lisérgico, afro-bossa, Bienal, reformas de base, coisas válidas para você?

1 — Basta existir para ser válido. Basta ter sido um momento histórico para representar algo. Até Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac.

2 — Ou Carlos Lacerda?

1 — Claro que Lacerda existe. Ou você vai negar que foi êle quem derrubou o grande Getúlio, o Jânio e tenta agora o poder?

2 — O mesmo poder que JK tem certeza de possuir em 65?

1 — Não sei. Isso é com as formiguinhas. Ou das posições que êle tomar para as formiguinhas votarem nêle.

2 — E a revolução vem ou não vem?

1 — Mas já estamos na revolução!

2 — Mao-Tse-Tung é um grande poeta?

1 — As flôres florescem em todos os jardins. Uma flor é linda quando o sol brilha em cima dela, ou quando a noite aumenta seu perfume. E assim também são lindas três, quatro, cem flores.

2 — Você acredita em poesia?

1 — E você?

2 — Eu o que?

1 — Aquilo que você me perguntou.

2 — Ora.

1 — Você acredita em profetas?

2 — E você?

1 — No futuro (que já começou em muitos lugares, núcleos isolados, grupos) o homem materialista terá uma religiosidade mística, de um misticismo imanente, sem deuses, sejam êles Marx, Freud, Einstein, Jeová, Dogma, lei, sangue, etc. O homem viverá no plano mítico (mito quer dizer: poesia desindividualizada), será do sim-não, do bem-mal, das contradições em movimento constante, sem cessar, viverá no fluir, imerso dentro de um mundo sexualista-pagão onde haverá tudo grátis para todos e igualdade. Será um ser altamente conflituado pois se o homem é a matéria mais complexa existente e se a matéria está em constante movimento, transportado para o plano sensitivo êste movimento quer dizer: conflito. Mas conflito não é coisa negativa. E' negativo-positivo, é a condição humana de caminhar de síntese para síntese, numa constante destruição de síntese para a construção das outras sempre num avanço em espiral. Será

um homem trágico porque conflituado e isso quer dizer: dialético. Homem amoral, sempre em movimento e por isso mesmo conflituado. Quero fazer notar que tragédia não é pessimismo. Ao contrário: é vitalização, é anti-idealismo. O idealismo se divide em idealismo otimista e idealismo pessimista. Tragédia não é nada disso: é harmonia dissonante entre os opostos. Posição agônica, não idealista, dialética, materialista, conflituada, sempre em movimento. Kaos com k.

1 — Jorge Mautner
2 — Nelson Coelho

UM ARTIGO DE PIER PAOLO PASOLINI

De professor de filologia a cineasta, Pier Paolo Pasolini, quarenta e um anos, é uma das figuras mais discutidas do mundo intelectual da Europa. Marxista militante, é altamente promovido pela imprensa da esquerda da Itália e criticado com dureza pelos jornais franceses. Admirado no mundo socialista pela crítica jovem, não é visto com bons olhos pelos conservadores. Alguns o perseguem com difamações, insultos morais e ameaças físicas. Pasolini não hesita: tem o braço forte de Alberto Moravia sempre a promovê-lo e é cada vez mais assediado pelos editores e produtores de filmes. Apareceu internacionalmente em 1961, por ocasião do Festival de Veneza, quando também se revelavam ao mundo dois outros nomes da nova geração de cineastas italianos: Vittorio de Seta e Ermanno Olmi. Escreveu seis romances que se caracterizam por um realismo vigoroso, por vezes brutal («Ragazzi di Vita» e «Una Vita Violenta», entre os mais importantes), uma antologia comentada da poesia popular italiana, um livro de poemas participantes, argumentos para vários filmes (notadamente dirigidos por Mauro Bolognini). Depois resolveu dirigir seu próprio filme, com pouco dinheiro, mas com determinação de explorar o mais possível as facetas do cinema como um novo desafio estético. Resultado: «Accatone», filme furioso que revela um autor zangado. Foi sua revelação. Ninguém lhe ficava indiferente: ou o atacavam rigorosamente, ou o defendiam com paixão. Faltando talvez um pouco de clareza cinematográfica e deslizando de quando em vez para o sentimentalismo, é um filme de intensidade, autêntico, pois volta o autor a se encontrar frente a frente com o mesmo ambiente e as mesmas pessoas de

seus romances e poemas. O filme é um misto de boa técnica de estilo com um primarismo embaraçante, trazendo entretanto uma forte marca individual. Depois, realizou «Mamma Roma», outro filme polêmico. Recentemente concluiu um dos episódios de «RoGoPa» (o título corresponde à primeira sílaba de seus diretores: Rossellini, Godard e Pasolini) que foi terminantemente proibido pelo governo italiano de ser exibido em qualquer cinema daquele país, devido a ser violentamente contrário às tradições católicas da Itália. Possivelmente o mundo não verá esse episódio.

Como jornalista, PPP critica duramente os católicos e os fascistas, entra em polêmica com os próprios companheiros marxistas, dá entrevistas sensacionais na TV e se envolve em escândalos amorosos que lhe valem processos não menos escandalosos. Há quem diga que se trata de um equívoco, há quem o aponte como gênio, uma nova mistura de Genet e Rimbaud.

O presente artigo foi uma resposta de Pier Paolo Pasolini a um pedido dos editores da revista «Film Culture» de Nova Iorque, depois de ter sido seu filme apresentado ao público norte-americano.

tradução e apresentação de
Flávio Moreira da Costa

esta sentença nós tivéssemos dito ou escrito que Gennarino se assemelhava a uma hiena, o leitor ou ouvinte ao deparar com a palavra «hiena», não teria dúvidas que era à Gennarino que nos estávamos referindo.

Em certos filmes experimentais, isto já foi feito; no caso, se justaporiam a imagem da hiena com a de Gennarino. Não posso afirmar que isso não se possa fazer, entretanto me parece inconcebível pensar que o filme decorresse assim por um período de duas horas. Em um romance, porém, pode-se acumular metáfora sobre metáfora ao longo de duzentas páginas; para falar a verdade, se o escritor não fizer isso, dificilmente escreverá um romance. Se não pode o cinema, entretanto, expressar diretamente a metáfora «Gennarino é uma hiena», êle pode assim mesmo criar, forçando as imagens, uma impressão na mente do espectador. O cineasta poderia mostrar a imagem de Gennarino arreganhando os dentes de uma tal maneira que o espectador poderá formar sua própria idéia da metáfora correspondente, se não de uma hiena, talvez de uma pantera ou uma fera qualquer.

Embora o Cinema não possa tirar grande partido das figuras de estilo que enriquecem a narrativa (e a narrativa é mais comparável ao Cinema do que o Teatro), êle não é avesso inteiramente a essas figuras de estilo. E por estranho que pareça, são as mesmas mais encontráveis em literatura juvenil, religiosa ou arcaica. Faço referência a Anáfora e Iteração.

Quando um escritor apela para a Anáfora («Muito sol... muita chuva... muito frio») ou para a Iteração (Litania), é porque êle se encontra com o espírito excitado, quase se aproximando do irracional, do inconsciente coletivo. Num escritor mais sério, essas duas figuras de estilo são mais raras. Porém, em Cinema, essas técnicas podem ser usadas ao máximo. A repetição de uma imagem, especialmente para um efeito cômico, ou um toque anafórico em uma imagem para dar uma reação contínua de frases ou de sequências curtas, são recursos estilísticos que todo o cineasta usa quase que automaticamente...

Um problema nos surge: na Literatura, anáfora e iteração são representados por palavras, mas em cinema, o que os representa? Tomemos um exemplo de uma anáfora cinematográfica: uma cena sendo observada por Gennarino. A câmara se desloca de sua face para a cena que êle está observando, isso se repetindo diversas vezes. (Em literatura, poderia ser escrito assim: «Gennarino olhou... Gennarino olhou... Gennarino olhou...»). Agora, em cinema, o que é exatamente o elemento da anáfora? A face de Gennarino em si, ou a imagem de sua

face captada pela câmara? Evidentemente, o conjunto das duas, desde que sua face tenha sido escolhida pelo cineasta entre centenas de outras faces (como se escolhe um substantivo entre muitos outros). E não somente isso, temos que considerar também como parte da anáfora, os sons das vozes ouvidas «off-screen», bem como do fundo musical. Encurtando, em literatura, as figuras de estilo são fáceis, envolvendo somente o simples ato linguístico de escrevê-las, enquanto que no cinema, as mesmas tornam-se complexas.

Requer, então, pelo menos, dois atos concomitantes e suplementares, ou melhor, elas, as figuras de estilo, são produzidas em dois níveis separados. O primeiro, a face de Gennarino e os demais elementos que compõem a cena, depois a câmara que «faz» a filmagem. Antes de mais nada, existe um trabalho especial a ser feito com êsses dois níveis. Seleciono a expressão certa para a face de Gennarino, preparo-a, assemelho-a a uma hiena e procuro uma profundidade de perspectiva para filmá-la. Só então, tenho de decidir o que fazer com a câmara.

Aparentemente, o esquema destas duas operações separadas, que resultam numa só, é algo de muito complicado. Podemos dizer que a seleção de atores, de expressões faciais, de roupas, lugar e claridade, são partes do vocabulário cinematográfico; como substantivo, verbo, adjetivo e advérbio para a literatura.

Falar ou escrever é algo de extremamente rápido. Mas em expressão cinematográfica é preciso tempo: a «palavra» surge em sua frente de súbito, mas espera até ser formada uma «sentença» completa pela mente que fica por trás da câmara para dar o «shot» final (sintaxe).

Sei muito bem que estou tratando aqui de dois tipos de criação (um que usa palavra, outro imagem) como se fossem um só. Mas acontece que o que estou tentando salientar é que a palavra, dentro de seus limites, pode ser pura imagem, e a imagem, também dentro de seus limites, pode ser tão lógica quanto uma palavra. Mas o que é mesmo importante é ver se a relação entre a palavra como símbolo e significado é semelhante à relação entre a imagem como símbolo e significado.

Aqui chegamos ao âmago do problema. Tendo completado (quase digo «tendo escrito») um filme, percebi que o sentido da imagem é análogo ao sentido das palavras, que a primeira pode ter uma força alusiva equivalente à segunda, desde que represente o cume de uma série de analogias selecionadas esteticamente, o que é parte da estrutura estilística total.

Acredito que a diferença entre cinema e literatura esteja na Metáfora. Literatura é quase exclusivamente feita de metáforas, ao passo que, no cinema, ela está quase que totalmente ausente. Tênicamente falando, a criação de um trabalho literário requer sempre o uso de Retórica, seja de uma maneira esparsa, livre ou mesmo inconsciente. Creio na impossibilidade de se encontrar qualquer obra literária simples ou elementar, baseada unicamente em gramática ou sintaxe. Mesmo um discurso há de conter sempre alguma porção de metáfora, o que é um aspecto de estilo ao qual chamamos «natural».

Sendo a Metáfora o mais importante dos elementos da Retórica, pode-se dizer que ela representa a unidade fundamental das palavras, a possível redução de todas as palavras em suas infinitas variedades à uma só: a Palavra do homem. Considerando as possibilidades sem fim da metáfora, qualquer um pode fazer analogia entre frio e quente, claro e escuro, bem e mal... Seu poder unificador é um fato; tudo imaginável pela mente humana pode ser comparado com alguma outra coisa.

Por exemplo, consideremos esta sentença: «Gennarino parecia uma hiena» ou «Gennarino era uma hiena» ou ainda «Gennarino, uma hiena» ou simplesmente «a hiena». Se logo após

BALANCETE

O Sr. Fernando Gasparian recebeu carta do Embaixador Lincoln Gordon cumprimentando-o pelo seu discurso de posse no Conselho Nacional de Economia. Ao mesmo tempo, o Sr. Gordon solicitou o texto do discurso, na íntegra. Essa atitude está sendo interpretada como uma possível concordância dos círculos norte-americanos com os pontos-de-vista sobre comércio exterior e política econômico-financeira defendidos pelo industrial.

O Embaixador Roberto Campos após deixar a Embaixada em Washington dedicar-se-á a novas atividades no Brasil. Fala-se que aquele economista dirigirá um Banco de Investimentos e um Instituto de Planejamento Técnico.

Com a chegada da energia elétrica do CHESF (Paulo Afonso) a Natal, consuma-se, em apenas três anos, um dos compromissos de honra do Governo Aluísio Alves com o povo potiguar. Aliás, a maioria dos compromissos de AA vêm sendo cumpridos à risca, destacando-se os setores de energia e educação.

Um dos primeiros atos do Sr. Nei Galvão à frente da Pasta da Fazenda foi o de revogar a Instrução que criara as Letras do Banco do Brasil. No entanto, os tomadores não serão prejudicados, já que as letras são duplamente garantidas: pelo próprio Banco do Brasil e pelas empresas particulares que se beneficiaram de empréstimos através do Fundo Nacional de Investimentos.

Um estudo feito pela Fundação Getúlio Vargas prevê para 1964 índices médios de elevação do custo de vida na ordem de 8% ao mês. Isso se forem mantidas as providências previstas no Plano de Contenção do Sr. Carvalho Pinto. Se não forem...

O Governo do Estado de Mato Grosso já está realizando a sua Reforma Agrária. Recentemente distribuiu trezentos títulos de propriedade a lavradores do município de Cáceres. Esse número completa um total de quinhentas glebas já distribuídas a lavradores não-proprietários de terras. Os novos proprietários terão, em caráter permanente, assistência especializada de agrônomos e técnicos do Estado.

Volta à baila o assunto nacionalização de empresas estrangeiras concessionárias de serviços públicos. Em seu discurso pronunciado em Natal, por ocasião da inauguração dos serviços de eletricidade da CHESF, o Sr. João Goulart afirmou: «as companhias estrangeiras concessionárias de serviços públicos hoje não mais estão em condições de atender às exigências do progresso brasileiro, inclusive porque não revelam interesse na melhoria de seus serviços». Em sua mensagem de Ano Novo, o Presidente voltou ao assunto. Por que não se tomam logo as providências necessárias à solução do problema?

Aguarda-se para depois da propalada reforma ministerial o decreto do Presidente da República criando o monopólio (pela Petrobrás) da importação de petróleo bruto e seus derivados.

O total das emissões em 1963 atingiu a cerca de 380 milhões, ou seja, mais do triplo dos totais previstos no Plano Trienal, que eram de 110 bilhões. Somente em Dezembro, com as emissões forçadas para financiamento do 13.º salário, as emissões atingiram a cerca de 120 bilhões! Em consequência, o meio circulante já anda beirando a casa do primeiro trilhão.

O Grupo José Ermírio de Moraes está instalando uma fábrica de cerveja enlatada, em Pernambuco. Trata-se da primeira iniciativa no gênero, no Brasil. Dependendo da qualidade da cerveja, estará fadada a sucesso absoluto, pois é fato sabido e notório que as garrafas de vidro representam um pesado ônus para a indústria de bebidas. Por outro lado, informações chegadas do Rio Grande do Norte, dão conta de que o mesmo grupo está adquirindo extensas áreas de terras onde se localizam riquíssimas reservas minerais naquele Estado.

O Banco do Brasil financiará a aquisição de motores marítimos para embarcações fluviais destinadas ao escoamento da produção agrícola ao longo dos rios que compõem a Bacia Amazônica. O financiamento será de até 100% do valor da unidade adquirida e somente será concedido a lavradores da região. Este é, sem dúvida, um importante passo e um incentivo dos maiores ao desenvolvimento da agricultura naquela região.

Segundo um informe da McGraw-Hill, o total de investimentos realizados em 1963 no exterior por empresas industriais norte-americanas atingiu a cerca de 3,6 bilhões de dólares, representando um aumento de 8% em relação a 1962. No entanto, observa-se uma tendência para incremento dos investimentos na Europa Ocidental, em prejuízo da América Latina. Calcula-se ainda que em 1965 mais de 50% dos investimentos industriais norte-americanos no exterior sejam realizados na área do Mercado Comum Europeu. Exceção é feita às empresas de mineração que continuarão a aplicar seus maiores recursos na América Latina.

Por falar em empresas de mineração: o Ministro Ribeiro da Costa, presidente do Supremo, oficiou ao Senado informando que aquela Corte julgou inconstitucional o Artigo 6.º do Código de Minas. Como se sabe, foi baseado naquele Artigo que o Governador Magalhães Pinto desapropriou as terras da Companhia Novalimense de Mineração (Grupo Hanna).

raimundo

Pintor baiano, com prêmios importantes ganhos em São Paulo, e com quadros fazendo parte de coleções particulares em Nova Iorque, Roma, Amsterdam, Graz (Áustria), Caracas, Santiago do Chile, La Paz, Feira de Santana (onde nasceu, em 1930) e tôdas as capitais brasileiras, Raimundo de Oliveira é chamado de «santeiro» por Geraldo Ferraz, que fez a apresentação de sua última exposição no Rio, e cuja crítica reproduzimos a seguir.

Santeiro sim, e bem brasileiro, apesar de seus quadros levarem os críticos de arte a falarem em influências orientais e estilo bizantino.

Raimundo começou a pintar em sua cidade natal, lá fazendo a primeira exposição individual, em 1951, na Prefeitura Municipal. Daí seguiu o caminho inevitável: Salvador, São Paulo. Já em 1957 expunha em Buenos Aires. Mas terminou ficando mesmo por São Paulo, onde participou dos IX, X, XI e XII salões oficiais de Arte Moderna. Participou da VII Bienal, e veio até o Rio com seus bíblicos «Jonatas invade o acampamento dos filisteus», «Árvore do Paraíso» (que reproduzimos aqui), «O festim de Baltazar», «A Última Ceia», «Moisés abre o Mar Vervelho», e dezenas de outros.

RAIMUNDO DE OLIVEIRA, êste baiano radicado em São Paulo — não faço mais idéia dêle na Bahia — é um grande imaginário, dos que melhor visionam, entre nós, o popularesco. Seria melhor considerá-lo um santeiro narrativo, devotado ao seu mister de contar episódios das páginas da Bíblia, utilizando-se, para isso, de uma pintura cristalizada em poucos meios, embora êstes sirvam a uma multiplicidade de invenção. O imaginário se utiliza arbitrariamente de composições e coloridos, mas arma aquelas quase sempre mediante uma ritmação obtida ora pelos próprios componentes da história, ora por elementos que êle incute para enfeitar os casos, e nisto, nesta ornamentação, está uma das qualidades maiores do ilustrador que não é santeiro popular, mas erudito.

Não há contradição em afirmar essa erudição, pois não é apenas o homem enfronhado no cerne dos temas, não lhes ficando à superfície nem nos sincretismos fáceis, mas compondo suas «glorificações» santeiras ou festivas, segundo exemplos que encontramos no melhor bizantino, queném se pode observar no arranjo enumerativo de «S. Apolinare in Classe», que se encontra em Ravena.

Aliás, é êsse extraordinário aproveitamento de teorias de figuras, anjos, soldados, povo, a que se deve a maior parte destas invenções, como arranjo processional em tórno dos acontecimentos referidos no quadro. Raimundo não é portanto um primitivo, nem um ingênuo. Êle inventa com seu tanto de disponibilidade imaginativa, mas não inocente. Sabe muito bem o que está fazendo e sua limitação é propositada.

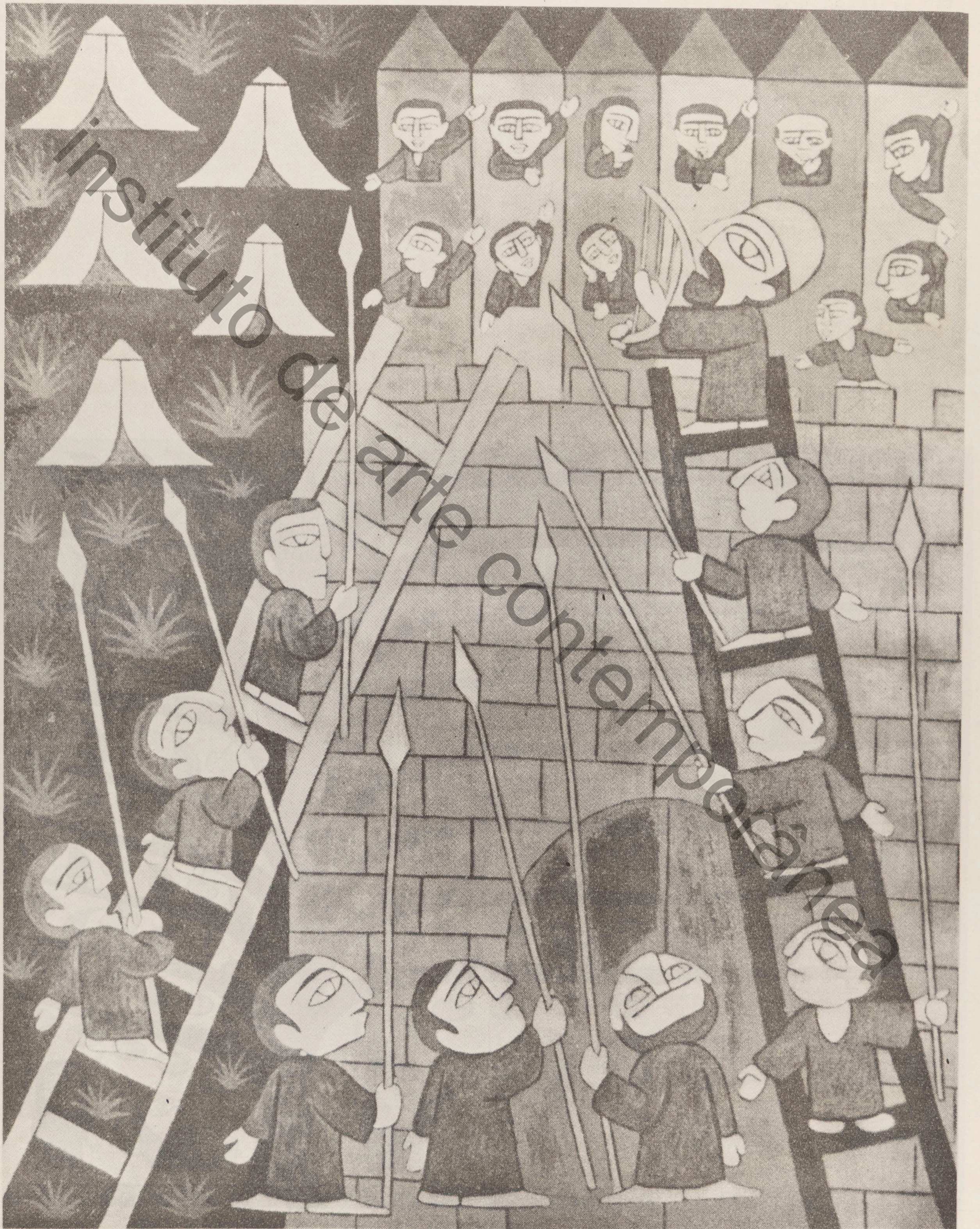
Entretanto, esta vasta iconografia, ilustração da vida dos santos e dos episódios sagrados, que êle deveria catalogar como produção sua, às vêzes se entremeia de arroubos em que a natureza, flôres e ramos, são convocados a prestar sua homenagem à divindade. Tudo isto faz parte do aparato do culto. São altares iluminados.

Para quem se situa num ponto de vista isento, como o nosso, êsse trabalho numeroso e pertinente vale por uma nacionalização da iconografia, o que jamais pode ser acoimado de desrespeitoso no regional baiano, desde que Cristo nasceu na Bahia.

GERALDO FERRAZ

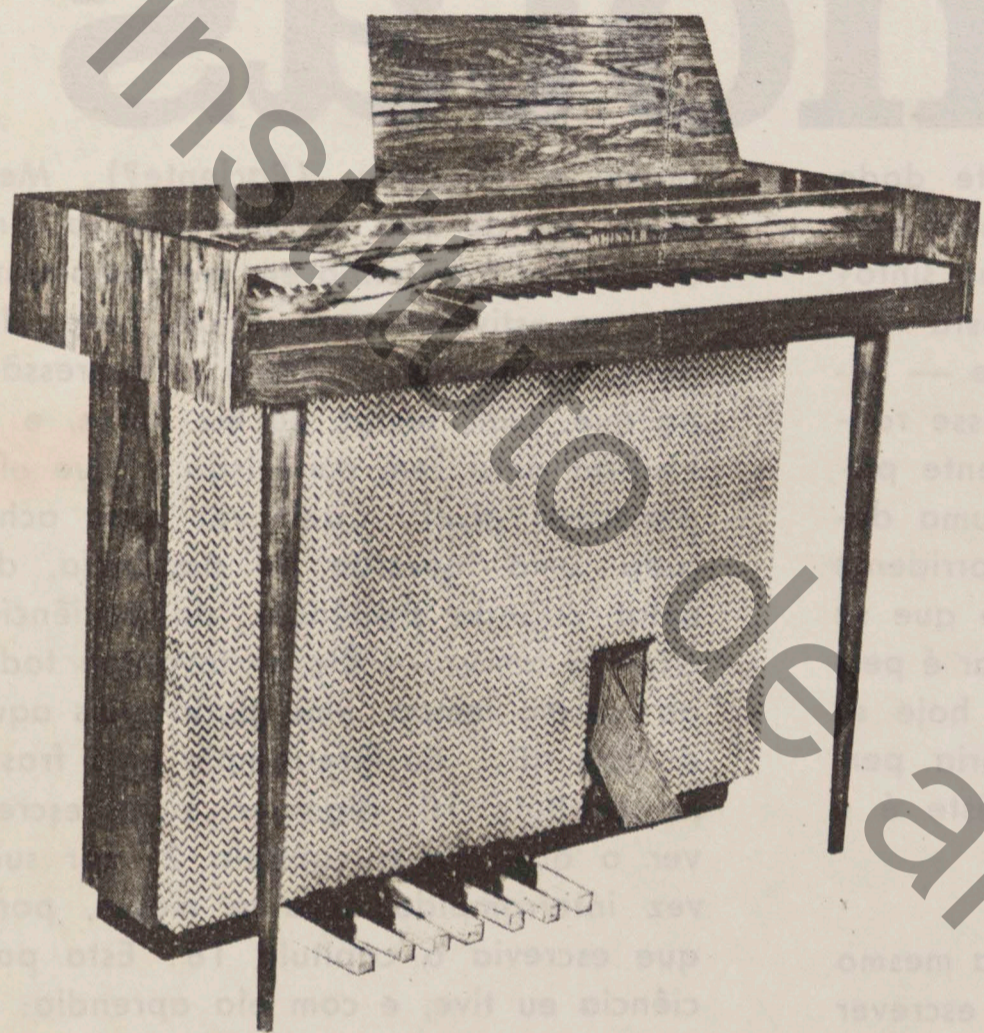
instituto de





**êste órgão não custa
os "tubos" ...
e nem os tem!**

(pudera, é eletrônico!)



Êste é o modelo 15-A da WHINNER
Ideal para residências, boates ou conjuntos
musicais.

Versátil, «fácil de tocar», é um instrumento
que se presta a tôdas as finalidades e gêneros
de músicas.

Som de Alta Fidelidade especial.

Afinação permanente.

Imune a variações de temperatura e rêde
elétrica.

Funcionamento em 110 ou 220 volts.

Dispensa instalação — basta ligar na tomada
(seu consumo é menor que o de um ferro de
engomar).

Venha experimentá-lo em nossa loja!

ÓRGÃOS ELETRÔNICOS WHINNER

Modelos Residência, Litúrgico e de Concêrto

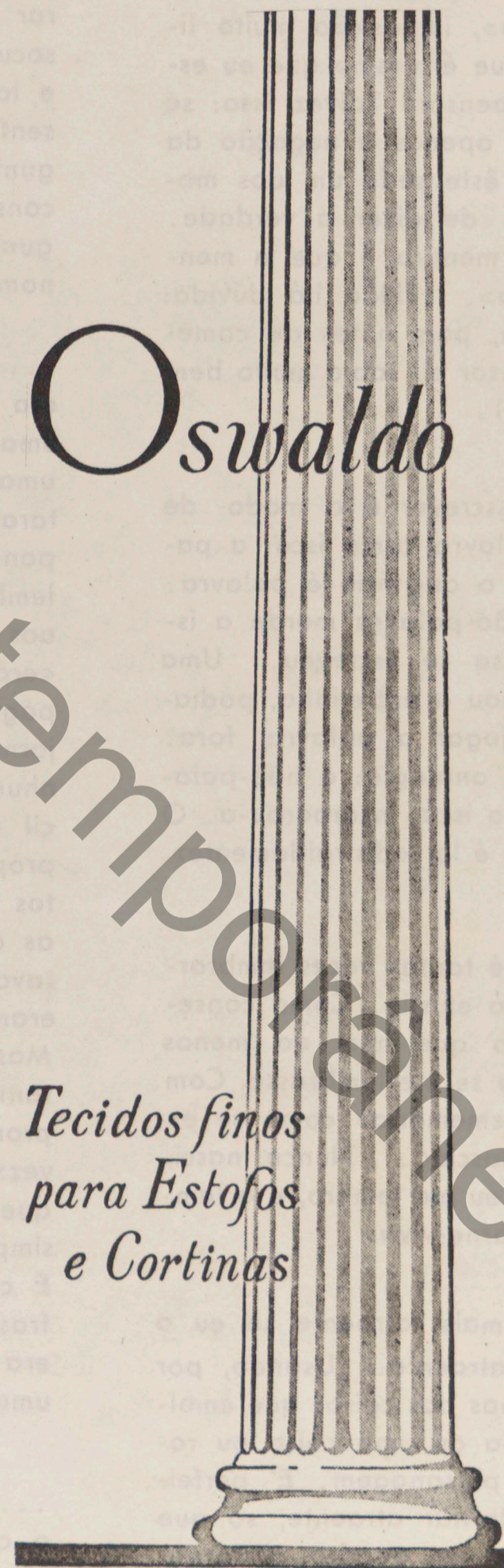
Representantes Exclusivos

CESAR PIANOS LTDA.

Rua Voluntários da Pátria, 329 — loja I — tel. 26-5718

Oswaldo

*Tecidos finos
para Estofos
e Cortinas*



Avenida N. S. Copacabana,
484-A - Telefone: 37-4493

de um caderno de notas

..... talvez êsse tenha sido o meu maior esforço de vida: para compreender minha não-inteligência fui obrigada a me tornar inteligente. (Usa-se a inteligência para entender a não-inteligência. Só que depois o instrumento continua a ser usado — e não podemos colher as coisas de mãos limpas).

..... eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu. mas já que se há de escrever que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas.

..... o pior de mentir é que cria uma falsa verdade. (Não, não é tão óbvio como parece, não é truismo; sei que estou dizendo uma coisa, e que apenas não sei dizê-la do modo certo, aliás o que me irrita é que tudo tem de ser «do modo certo», imposição muito limitadora). O que é mesmo que eu estava tentando pensar? Talvez isso: se a mentira fôsse apenas a negação da verdade, então êste seria um dos modos (negativos) de dizer a verdade. Mas o pior da mentira é que a mentira é «criadora». (Não há dúvida: pensar me irrita, pois antes de começar a tentar pensar eu sabia muito bem o que eu sabia).

..... então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, podia-se com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é ler «distraidamente».

..... escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem ao menos sei? assim: como se me lembrasse. Com um esforço de «memória» como se eu nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro, e a lembrança é em carne-viva.

..... ficaria mais atraente se eu o tornasse mais atraente. Usando, por exemplo, algumas das coisas que emolduram uma vida ou uma coisa ou romance ou um personagem. E' perfeitamente lícito tornar atraente, só que há o perigo de um quadro se tornar quadro porque a moldura o fêz quadro. Para ler, é claro, prefiro o atraente, me cansa menos, me arrasta mais, me delimita e me contorna. Para escrever, porém, tenho que prescindir. A experiência vale a pena, mesmo que seja apenas para quem escreveu.

..... se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto — como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente — como se chama essa mágoa e êsse rancor? Estar ocupada, e de repente parar por ter sido tomada por uma desocupação beata, milagrosa, sorridente e idiota — como se chama o que se sentiu? O único modo de chamar é perguntar: como se chama? Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta. Qual é o nome? e êste é o nome.

..... respondi que eu gostaria mesmo era de poder um dia afinal escrever uma história que começasse assim: «era uma vez...». Para crianças? perguntaram. Não, para adultos mesmo, respondi já distraída, ocupada em me lembrar de minhas primeiras histórias aos sete anos, tôdas começando com «era uma vez»; eu as enviava para a página infantil das quintas-feiras do jornal de Recife, e nenhuma, mas nenhuma, foi jamais publicada. E era fácil de ver porque. Nenhuma contava propriamente uma história com os fatos necessários a uma história. Eu lia as que êles publicavam, e tôdas relatavam um acontecimento. Mas se êles eram teimosos, eu também.

Mas desde então eu havia mudado tanto, quem sabe eu agora já estava pronta para o verdadeiro «era uma vez». Perguntei-me em seguida: e por que não começo? agora mesmo? Seria simples, sentí eu.

E comecei. Ao ter escrito a primeira frase, ví imediatamente que ainda me era impossível. Eu havia escrito: «Era uma vez um pássaro, meu Deus.»

..... não me lembro mais onde foi o comêço, foi por assim dizer escrito todo ao mesmo tempo. Tudo estava ali, ou devia estar, como no espaço-temporal de um piano aberto, nas teclas simultâneas do piano. Escreví procurando com muita atenção o que se estava organizando em mim e que só depois da quinta paciente cópia é que

passei a perceber. (Paciente?) Meu receio era de que, por impaciência com a lentidão que tenho em me compreender, eu estivesse apressando, antes da hora, um sentido. Tinha a impressão de que, mais tempo eu me desse, e a história diria sem convulsão o que ela precisava dizer. Cada vez mais acho tudo uma questão de paciência, de amor criando paciência, de paciência criando amor. — Êle se levantou todo ao mesmo tempo, emergindo mais aqui do que ali. Eu interrompia uma frase no capítulo 10, digamos, para escrever o que era o capítulo 2, por sua vez interrompido durante meses, porque escrevia o capítulo 18. Esta paciência eu tive, e com ela aprendia: a de suportar, sem nenhuma promessa, o grande incômodo da desordem. Mas também é verdade que a ordem constrange. — Como sempre, a dificuldade maior era a da espera. (Estou me sentindo mal, diria a mulher para o médico. E' que a senhora vai ter um filho. E eu que pensava que estava morrendo, responderia a mulher. A alma deformada, crescendo, se avolumando, sem nem ao menos se saber que aquilo é espera. Às vêzes, ao que nasce morto, sabe-se que se esperava). — Além da espera difícil, a paciência de recompôr paulatinamente a visão que foi instantânea. E como se isso não bastasse, infelizmente não sei «redigir», não consigo «relatar» uma idéia, não sei «vestir uma idéia com palavras». O que vem à tona já vem com ou através de palavras, ou não existe. — Ao escrevê-lo, de novo a certeza só aparentemente paradoxal de que o que atrapalha ao escrever ter de usar palavras. E' incômodo. Se eu pudesse escrever por intermédio de desenhar na madeira ou de alisar uma cabeça de menino ou de passear pelo campo, jamais teria entrado pelo caminho da palavra. Faria o que tanta gente que não escreve faz, e exatamente com a mesma alegria e o mesmo tormento de quem escreve, e com as mesmas profundas decepções inconsoláveis: não usaria palavras. O que pode vir a ser a minha solução. Se fôr, benvinda.



quando a procura é maior que a oferta... ALGUÉM VAI DORMIR NA PRAIA

É óbvio que turismo não se faz sem hotéis. Por isso, nós, da Turismo Rio, ao criarmos as bases reais da primeira indústria turística brasileira, não esquecemos o hotel - o Rio Palace Hotel - que estará, sem nenhuma dúvida, entre os melhores do mundo. Entretanto, apenas um hotel não faz indústria turística. Daí termos incluído, em nosso planejamento de trabalho, a utilização, por intermédio da USE S. A. - Turismo, de todos os meios necessários à exploração industrial do turismo no Brasil. A Turismo Rio cria, assim, as facilidades para o desenvolvimento dessa indústria, abrindo a V. a possibilidade de participar de um empreendimento altamente rentável.

UM HOTEL DE ALTO GABARITO
RIO PALACE HOTEL

CONSTRUÇÃO:
**CONSTRUTORA KER
e GRAÇA COUTO S. A.**
INDÚSTRIA E COMÉRCIO

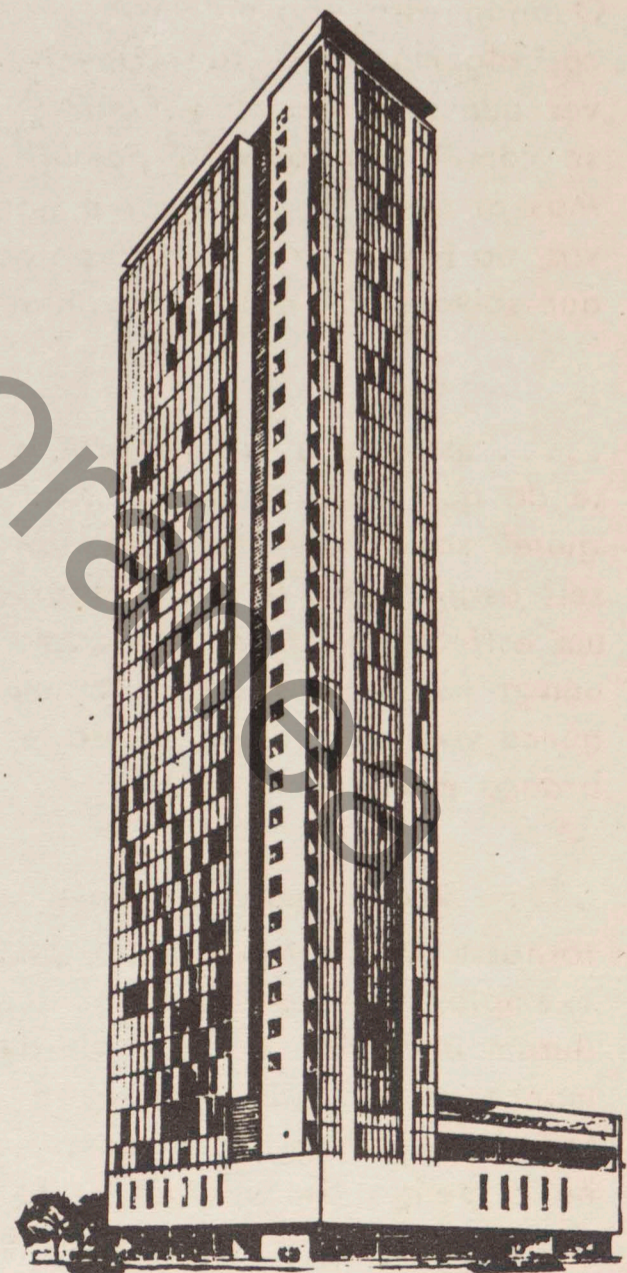
PROJETO:
SERGIO BERNARDES

Participe do progresso brasileiro!
Subscreva Quotas de Participação
na Turismo Rio.

PREÇO DA QUOTA: 400.000, EM PREST. MENSAIS DE 9.000,

TURISMO RIO

RIO - S. PAULO - NITERÓI - B. HORIZONTE - P. ALEGRE - CURITIBA - SALVADOR - RECIFE



GRANT

- na esquina mais valorizada do Brasil: Avenida Atlântica com Avenida Princesa Isabel, na Guanabara!

A tartaruga eletrônica, os ratinhos, o cão e os outros bichos que compõem a fauna da cibernética foram criados há apenas algumas décadas. Esses seres são dotados de cérebros artificiais super-simples, que agem através de lógica às vezes superior a muitos «animais animais» e compreendem um fabuloso mundo apenas redescoberto e aproveitado a carga plena nos últimos anos.

ancestrais

dos robôs

O macête, ou segrêdo, de seu funcionamento — porque Elsie, a tartaruga, procura a luz mas sabe que seu próprio facho refletido no espelho é frio, e porque o homeostato «Sparring» acaba aprendendo abaixo de murros, a coisa certa a fazer — resume-se em algo que parece explicar o mecanismo de tudo o que existe no Universo, e que já foi aproveitado pelo homem há vários séculos. É a ação do efeito sôbre a causa.

O Senhor vai compreender. Se corro a 140 por hora e quase entro pelo cano na curva, da próxima vez meu pé «automaticamente» vai pisar menos antes de sair da reta. O efeito do sustinho hoje atua na alimentação da gasolina e me conserva as quatro rodas sôbre o asfalto.

Elsie sabe que a luz do espelho não serve porque quando a viu, topou com a face do vidro e não achou sua tomada elétrica, colocada junto a outra fonte de luz (SR, setembro 63). Assim, raciocinou que luz + batida em obstáculo é igual a luz que não interessa. E saiu em busca doutro facho luminoso. O efeito da batida atuou no seu mecanismo de direção. Vamos encontrar no século XVI um antepassado da ação efeito-sôbre-causa no «dança-trigo», um dispositivo muito tôsko, de madeira, empregado nos moinhos de vento. Sua função é despejar grãos de trigo para a mó. Pois bem, o «dança-trigo», através de um engenho grosseiro mas eficaz, trabalha exatamente de acôrdo com o vento: se é forte, despeja mais grãos, se é fraco, deixa cair quantidade menor. Dois séculos depois, James Watt bolou o regulador de esferas para a máquina a vapor. Esse vovô-robô é uma fábula: se o vapor recebido é pouco, a força centrífuga a que estão sujeitas as duas bolas em rotação é fraca. Por meio de ligações simples, há então maior admissão de vapor. Com mais vapor, a potência aumenta, as esferas giram mais depressa, a centrífuga é mais forte e as bolas controlam menos admissão de vapor. O dispositivo acaba encontrando equilíbrio através de seu próprio funcionamento.

Esse ôvo-de-Colombo, aliás, é velharia na Natureza, embora só há pouco a Humanidade se venha valendo dêle em maior escala. Se as árvores procuram o sol é porque os galhos nascidos voltados para êle se desenvolvem mais que os outros, fazendo com que o efeito «sol» atue sôbre o fator «crescimento da árvore».

Em nossos olhos mesmo vemos uma manifestação simples dêsse efeito: quando a luz diminui, a retina avoluma-se. Quando há muita luz ela fica menor.

A ciência hoje sabe que todo nosso organismo é uma complexidade dessas ações de efeitos sôbre causas, e que o Universo inteiro parece estar baseado nesse princípio. As nebulosas são o resultado de aglomerações de partículas que, pela sua própria reunião, em última análise acabam formando um planêta. Onde, por sua vez, tudo se regula por si mesmo depois dos resultados, bons ou maus, obtidos em fatos vividos.